

Jogo de Espelhos

A artista, que lida nos seus trabalhos com a questão da memória, amplia aqui a ambição da sua intervenção individual ficcionando uma memória colectiva que depois cresce até se desejar memória universal. Os elementos que testemunham essa memória são, nesta exposição, as cidades – entidades históricas cujas imagens podem ser partilhadas pela imaginação milenar dos homens que as criaram e nelas fundam muito do seu património comum.

Rosário Rebello de Andrade escolhe cidades simbólicas de todos os continentes e inventa, a partir da planta de cada uma delas, um céu estrelado. O contorno das cidades representa a muralha (virtual ou não) que as separa e defende dos campos cultivados ou dos terrenos selvagens a que foram conquistadas. Os seus edifícios, simbólicos ou banais, articulam-se através de uma rede de vias que funcionam como sistema circulatório vivo. Onde essas vias se cruzam ou divergem (largos, cruzamentos e bifurcações), aí se encontram corpos, vindos de todo o lado, que fluem na cidade. A artista supõe serem esses pontos urbanos metaforicamente mais brilhantes que todos os outros e coloca neles o brilho de estrelas de diferentes grandezas. Dentro, de dentro para fora e de fora para dentro de cada uma dessas células, desenrola-se em multiplicidade a nossa história civilizacional.

Por outro lado, ao tornar cada uma das cidades por si eleitas num campo de estrelas, Rosário Rebello de Andrade recorda-nos que o céu foi também conquistado pelos homens: quando as estrelas, unidas entre si pela vontade do desenho, passaram a sugerir linhas de força de figuras imaginárias, mágicas e divinatórias.

Voamos (é fácil estarmos hoje a meio caminho entre céu e terra!) e as cidades iluminadas, lá em baixo, nascem como estrelas terrestres que somos capazes de organizar em sempre novas constelações. Seguimos, de cabeça levantada, olhando o céu e, na dispersão infinita de estrelas, identificamos eixos e contornos do que podiam ser cidades celestes. Assim na terra como no céu, plantas de cidades e desenhos de constelações partilham o mesmo destino formal e o mesmo destino de figuras de isolamento: por um lado são ilhas de si mesmas; por outro, são espelhos que reenviam entre si as suas imagens - de tal modo que o que está em cima é igual ao que está em baixo.

A artista introduz um terceiro elemento neste diálogo ao dividir as cidades dos homens em duas espécies: as dos vivos e as dos mortos. As primeiras, vimos, são sugeridas como delicados céus constelados; as segundas, são vistas como territórios escurecidos, cada uma é uma Ilha dos Mortos e testemunha cada um dos nomes diversos dados pelos homens a Deus ou à Morte. Ainda aqui se manifesta um complexo jogo de reenvio de imagens e simbologias: a forma compacta de cada uma dessas necrópoles pode ser pensada como o espelho negro da cidade estrelada a que se refere.

O respeito pelas escalas, pela cartografia, pela geografia política e humana que as formas testemunham e as legendas confirmam não resiste às operações poéticas a que Rosário Rebello de Andrade submete cada cidade e cada cemitério de cada cidade: a densidade sociológica do tema, rarefaz-se em música das esferas e a sua planificação rigorosa, pulveriza-se em pó das estrelas.

Finalmente, no centro, sobre uma coluna, uma peça modelada (pequena jóia mais do que escultura), recorda-nos uma das representações primordiais da ligação simbólica entre o céu e a terra: é uma montanha – mágica, superfície onde a prata absorve e reflecte toda a luz das estrelas.

João Pinharanda

Janeiro de 2012